

**INTERNET, DISPOSITIVOS<sup>1</sup> DE CONTROLE E ESTRUTURA SOCIAL:  
Paradigmas da sociedade técnico-científica**

**Bruno Anderson Souza da Silva**

Mestrando em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul – UCS.  
brunobass06@hotmail.com

**RESUMO**

Esse artigo traz como tema principal os paradigmas e problemas gerados pela internet, dispositivos e demais avanços tecnológicos, com base em filósofos e sociólogos que abordam o tema em diferentes perspectivas (tais como Giorgio Agamben, Michel Foucault, Manuel Castells, Pierry Lévy, entre outros). O trabalho apresenta as principais questões éticas e os perigos que o avanço tecnológico e o grande afluxo de informação trazem à sociedade contemporânea, apresentando sob uma nova ótica fatos prejudiciais que foram introduzidos no cotidiano através dos avanços tecnológicos e científicos. Com foco nesta ideia, pretende-se identificar até que ponto a tecnologia nos ajuda, como ela pode nos controlar e, a partir de que ponto, ela pode se tornar prejudicial.

**Palavras-chave:** Dispositivos; Sociedade Técnico-científica; Ciberespaço; Sociedade Disciplinar.

**INTERNET, CONTROL DEVICES AND SOCIAL STRUCTURE:  
Corporate paradigms` technical and scientific society**

**ABSTRACT**

This article has as main theme the paradigms and problems generated by the internet, devices and other technological advances, based on philosophers and sociologists on the topic from different perspectives (such as Giorgio Agamben, Michel Foucault, Manuel Castells, Pierry Lévy, among others). This paper presents the main ethical issues and the dangers that technological advances and the large influx of information bring to contemporary society, presenting in a new light harmful facts that were introduced in daily life through technological and scientific advances. Focusing on this idea, we intend to identify to what extent the technology helps us, as it can control us and from that point it can become harmful.

**Keywords:** Devices; Technical and Scientific Society; Cyberspace; Disciplinary Society.

**INTERNET, DISPOSITIVOS DE CONTROL Y ESTRUCTURA SOCIAL:  
Paradigmas de la sociedad técnico-científica**

**RESUMEN**

<sup>1</sup> O termo dispositivo, nessa acepção, corresponde ao significado dado por Giorgio Agamben. Para o autor, dispositivo é “[...] qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (AGAMBEN, 2009, p. 40).

Este artículo tiene como tema principal los paradigmas y problemas generados por el internet, dispositivos y otros avances tecnológicos. Acerca de la base de los filósofos y sociólogos que abordan el tema en diferentes perspectivas (como por ejemplo: Giorgio Agamben, Michel Foucault, Manuel Castells, Pierry Lévy, entre otros). Este trabajo presenta las principales cuestiones éticas y los peligros que los avances tecnológicos y la grande afluencia de la información traen a la sociedad contemporánea, presentando a través de una nueva óptica los hechos perjudiciales que se introdujeron en la vida diaria a través de los avances tecnológicos y científicos. Centrándose en esta idea, se puede identificar hasta qué punto la tecnología nos ayuda, como puede controlarnos y, partiendo de ese punto como puede ser perjudicial.

**Palabras clave:** Dispositivos; Sociedad Científica y Técnica; Ciberespacio; Sociedad Disciplinar.

## INTRODUÇÃO

Algumas constatações sobre a comunicação na sociedade técnico-científica e sociedade de rede e, ainda, o comportamento das pessoas ante o paradigma do espaço e tempo, abordam a percepção do público perante a internet e os novos dispositivos de comunicação e controle de forma generalizada. O comportamento, as motivações e as influências que orientam as pessoas e ajudam a formular significados em seus modos de vida na sociedade contemporânea a partir das inovações tecnológicas podem trazer fatos mais concretos e relevantes sobre a conduta da população e as mudanças de produção e poder frente à rede, aos fluxos de informação e as instituições disciplinares ou de controle dos dias de hoje. Partindo de uma análise que, embora parcial, se firma em embasamento filosófico e caráter sociológico, esse trabalho busca explorar a questão tecnológica como um possível dispositivo de controle – análise esta que se torna necessária para, ao menos, enunciar essa possibilidade ante os diversos meios oferecidos pela atual sociedade técnico-científica e interrogar as inúmeras questões e variáveis que se deslindam dessa possibilidade primária.

## O SURGIMENTO DA INTERNET

Foi ao longo da segunda grande guerra que se deram os primeiros passos para as descobertas tecnológicas e eletrônicas que ajudaram a dar origem, nos anos seguintes, à internet e informática como um todo. A internet teve origem na década de 1960, através de um elaborado esquema que foi imaginado pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (DARPA). Esse esquema consistia em uma arquitetura de rede que era composta por milhares de outras redes de computadores

autônomos, com diversas formas de conexão que, como desejavam seus criadores, não podiam ser controladas através de nenhum centro de comando. Esse forte esquema foi pensado pelos americanos para impedir, em caso de guerra nuclear, que seus sistemas de comunicações fossem destruídos ou tomados pelos seus inimigos soviéticos.

Mas, bem diferente de suas preocupações com uma guerra fria, a comunicação mediada por computadores criada pelos americanos nos anos 1960 foi apropriada por pessoas e grupos em todo o globo com os mais diversificados interesses e objetivos, criando um enorme número de comunidades virtuais que deixavam os indivíduos totalmente imersos dentro delas. Diz Castells que “a capacidade da rede das redes (a Rede) é tal que uma parte considerável das comunicações que acontecem na rede é, em geral, espontânea, não organizada e diversificada em finalidade e adesão” (CASTELLS, 2007, p. 439). Hoje, essa rede conta com milhões de usuários em todo o mundo e cobre praticamente todo o espectro comunicacional da humanidade. Além disso, possui outros atrativos, como pesquisas diversificadas de política, sexo, religião e comércio eletrônico, entre outros.

Foi nos anos 1970 que novas tecnologias da informação alastraram-se vastamente, acelerando, assim, o desenvolvimento, e convergindo em um novo paradigma tecnológico, que concretizou um novo estilo de vida, produção e comunicação. Castells diz:

Meio inconscientemente, a revolução da tecnologia da informação difundiu pela cultura mais significativa de nossas sociedades o espírito libertário dos movimentos dos anos 60. No entanto, logo que se propagaram e foram apropriados por diferentes países, várias culturas, organizações diversas e diferentes objetivos, as novas tecnologias da informação explodiram em todos os tipos de aplicações e usos que, por sua vez, produziram inovação tecnológica, acelerando a velocidade e ampliando o espaço das transformações tecnológicas bem como diversificando suas fontes (CASTELLS, 2007, p. 43-44).

Logo após esse período, uma grande revolução tecnológica, que se concentrou principalmente nas novas tecnologias da informação, modificou e remodelou em ritmo acelerado a estrutura material da sociedade. Economias de diversos países adquiriram interdependência global, mudando suas formas de relação com o Estado e a sociedade. E essas mudanças, iniciadas nos anos 1970, ainda hoje, em meados do século XXI, integram o mundo em redes globais de instrumentalidade. Porém, deve-se lembrar de que a comunicação não deve ser tratada de forma instrumental, pois ela é um recurso valioso, que aumenta a eficácia e os resultados em todos os campos em que está inserida. “As pessoas moldam a tecnologia para adaptá-la a suas necessidades” (CASTELLS, 2007, p. 449).

## O CIBERESPAÇO E A CIBERCULTURA

Pierre Lévy (2000) define Ciberespaço como sendo “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 2000, p. 92). Ou seja, o ciberespaço nada mais é que a rede que surge como uma ferramenta de organização das comunidades de todos os tipos e tamanhos, os transformando em coletivos inteligentes, permitindo que os mesmos articulem-se e interajam entre si. Os três principais motivos que orientam o crescimento e expansão do ciberespaço nos últimos tempos, segundo o autor, são: “a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva” (LÉVY, 2000, p. 127). Desses três principais pontos nasce o termo *cibercultura*, que o autor define da seguinte maneira:

A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. O apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato (LÉVY, 2000, p. 130).

Sendo assim, para Lévy (2000), um grupo de pessoas só se interessa em formar comunidades virtuais para se aproximar do grande ideal do coletivo inteligente, e o desenvolvimento das comunidades virtuais se apoia na interconexão. Dessa forma, uma comunicação através de mundos virtuais, mesmo em um sentido mais fraco, pode ser capaz de ensinar a inventar e gerenciar um coletivo inteligente administrado de forma mais imaginativa e rápida.

## PARADIGMAS DA SOCIEDADE EM REDE

As redes interativas de computadores vêm crescendo cada vez mais e, com isso, criando novas maneiras de comunicar, intervindo na vida e sendo moldadas por ela. “Os consumidores da internet também são produtores, pois fornecem conteúdo e dão forma à teia” (CASTELLS, 2007, p. 439). Dessa forma, as redes tornam-se fontes importantes para a formatação, orientação e, até mesmo, a desordem nas sociedades.

Há ainda a inclusão de expressões culturais nesse sistema de comunicação integrado, que traz implicações importantes para os processos sociais. “É claro que a tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica”

(CASTELLS, 2007, p. 43). Uma vez que vários fatores intervêm nesse processo, o resultado final é baseado em um complexo padrão de interação entre ciência, inovações, tecnologia e aplicações sociais. “A sociedade em rede, em suas várias expressões institucionais, por enquanto é uma sociedade capitalista” (CASTELLS, 2007, p. 567).

A estrutura social, associada ao surgimento de um novo modelo de desenvolvimento, deu origem à revolução da tecnologia da informação, que foi fundamental para o processo de reestruturação do sistema capitalista (que teve início em 1980 e continua até hoje). Portanto, pode-se dizer que a nova sociedade do século XXI emerge do processo de modificação e que este, além de capitalista, é também informacional. Castells atesta:

Pode-se afirmar que, sem a nova tecnologia da informação, o capitalismo global teria sido uma realidade muito limitada: o gerenciamento flexível teria sido limitado à redução de pessoal, e a nova rodada de gastos, tanto em bens de capital quanto em novos produtos para o consumidor, não teria sido suficiente para compensar a redução de gastos públicos. Portanto, o informacionalismo está ligado à expansão e ao rejuvenescimento do capitalismo, como o industrialismo estava ligado à sua constituição como modo de produção (CASTELLS, 2007, p. 55).

O que possibilitou essa reestruturação e expansão do capitalismo foi a estrutura aberta da rede, que é capaz de expandir de forma ilimitada integrando os novos membros que compartilham códigos idênticos de comunicação (valores, objetivos, interesses, etc.).

## **A INTERNET COMO UM DISPOSITIVO DE CONTROLE**

Agamben (2009) começa o seu texto *O que é o contemporâneo?* definindo o que é um dispositivo com uma observação sobre Foucault, o qual primeiro pensou neste termo. A definição foucaultiana implica dispositivo como “um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguística e não linguística no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas etc” (AGAMBEN, 2009, p. 30). Agamben absorve o significado de dispositivo dado pelo filósofo francês e amplia seu significado. De acordo com a concepção agambiana, então, dispositivo passa a ser:

[...] qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, as confissões, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc, cuja conexão com o poder é em um certo sentido evidente,

mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e - porque não - a linguagem mesma, que é talvez o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata - provavelmente sem dar-se conta das consequências que se seguiriam - teve a inconsciência de se deixar capturar (AGAMBEN, 2009, p. 40).

Agamben aprofunda o conceito de dispositivo para o âmbito do sujeito (subjetivação), dividindo tudo que existe em duas categorias, ou classes: os viventes (ou as substâncias) e os dispositivos. “E, entre os dois, como terceiro, os sujeitos. Chamo sujeito o que resulta da relação e, por assim dizer, do corpo-a-corpo entre os viventes e os dispositivos” (AGAMBEN, 2009, p. 41). Para Agamben, o dispositivo possui uma função estratégica e encontra-se em uma relação com o poder. Ele declara:

Todo dispositivo implica, com efeito, um processo de subjetivação, sem o qual o dispositivo não pode funcionar como dispositivo de governo, mas se reduz a um mero exercício de violência. Foucault assim mostrou como, em uma sociedade disciplinar, os dispositivos visam através de uma série de práticas e de discursos, de saberes e de exercícios, a criação de corpos dóceis, mas livres, que assumem a sua identidade e a sua "liberdade" enquanto sujeitos no processo mesmo do seu assujeitamento. O dispositivo é, na realidade, antes de tudo, uma máquina que produz subjetivações, e só enquanto tal é uma máquina de governo (AGAMBEN, 2009, p. 45-46).

Agamben ainda volta a citar Foucault e fala sobre como em uma sociedade disciplinar os dispositivos visam através da articulação de práticas, discursos, saberes e exercícios, a criação de “corpos dóceis”, que pode ser definido como “um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1987, p. 118).

Esta articulação entre dispositivos, saberes e poderes, a que se refere Foucault, cria uma espécie de rede ou um dispositivo de controle, cuja finalidade ajuda na instalação de instituições denominadas disciplinares e nas práticas sociais de uma forma que os homens não percebiam que estão sendo controlados e manipulados pelas mesmas. São esses métodos que tornam possível o controle minucioso das operações dos corpos, “que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’” (FOUCAULT, 1987, p. 118).

Essas “instituições disciplinares”, na contemporaneidade, podem ser definidas como praticamente todas que nos cercam, ou seja, fábricas, asilos, hospitais, escolas, prisões, etc. Em outras palavras, tudo que nos captura e regula, assim como o novo conceito dado por Agamben a *dispositivo*. E é nesse sentido que pode-se estabelecer, ainda que sutilmente, uma ligação entre o ato de “regular” e o de “capturar” pela internet.

Foucault afirma:

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma "anatomia política", que é também igualmente uma "mecânica do poder", está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos "dóceis". A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência) (FOUCAULT, 1987, p. 119).

Para Foucault, essas instituições também podem ser chamadas de "*instituições de sequestro*", pois as mesmas têm como finalidade absorver os indivíduos para, de certa forma, resgatá-los, recuperá-los e, após, devolvê-los ao convívio em sociedade, uma vez que o intuito dessas instituições não é o de excluir o homem, e sim lhe ajustar, "consertá-lo" e restituí-lo ao convívio social. Então, seria seu grande objetivo incluir o homem no sistema normalizador que rege a sociedade atual, só podendo ser considerado "normal" um sujeito que atenda aos padrões preestabelecidos. Coloca Foucault:

Na época atual, todas estas instituições – fábrica, escola, hospital psiquiátrico, hospital, prisão – têm por finalidade não excluir, mas, ao contrário, fixar os indivíduos. A fábrica não exclui os indivíduos; liga-os a um aparelho de produção. A escola não exclui os indivíduos; mesmo fechando-os, ela os fixa a um aparelho de transmissão de saber. O hospital psiquiátrico não exclui os indivíduos; liga-os a um aparelho de correção, a um aparelho de normalização dos indivíduos. O mesmo acontece com a casa de correção ou com a prisão (FOUCAULT, 1999a, p. 114).

Segundo Agamben (2009), contemporaneamente vive-se uma enorme acumulação e proliferação de dispositivos. Para o autor, a fase atual do capitalismo permite a proliferação ilimitada desses inúmeros dispositivos e, conseqüentemente, permite também, de forma ilimitada, a proliferação da subjetivação dos indivíduos. E sendo assim, gera uma impressão de que a categoria da subjetividade, nos tempos atuais, perde consistência, porém, para Agamben, não se trata de uma perda ou anulação, e sim, de uma disseminação que mascara o que acompanha desde sempre a identidade pessoal do vivente. "Certamente, desde que apareceu o *homo sapiens* havia dispositivos, mas dir-se-ia que hoje não haveria um só instante na vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por algum dispositivo" (AGAMBEN, 2009, p. 41).

Partindo-se dessa afirmação de Agamben, como se posicionar diante dessa realidade, onde cada vez mais a sociedade pode estar sendo manipulada e moldada por dispositivos e instituições, sem nem, ao menos, ter consciência deles? Não se trata,

propriamente, de destruir ou reagir aos dispositivos e, muito menos, de aprender a conviver com os mesmos. Trata-se de, primeiramente, reconhecê-los, para então entendê-los e não se deixar ser manipulado por eles.

## CONSEQUÊNCIAS E BENEFÍCIOS DA SOCIEDADE EM REDE

É difícil acreditar que a comunicação, por meio das redes de computadores, possa substituir os encontros físicos. Acredita-se que ela é apenas um complemento ou adicional. Olhando desse âmbito, pode-se dizer que a internet propicia a criação de novas comunidades – comunidades virtuais – que são constituídas através das afinidades e interesses em um processo cooperativo ou de troca, independentemente proximidades geográficas e demais filiações institucionais. A rede também permite e impulsiona discussões desinibidas, pois permite maior sinceridade, já que as pessoas não temem as reações agressivas ou desconfortáveis dos outros usuários. Dessa forma, as relações, uniões intelectuais e amizades surgem nesses grupos de bate papo e de discussão da mesma forma que acontecem com as pessoas que se encontram e se relacionam pessoalmente.

Porém, analisando de uma forma negativa, pode-se dizer que a internet induz ao isolamento pessoal, pois corta os laços dos viventes em relação à sociedade e, conseqüentemente, com o mundo real, tornando as pessoas “escravas” de máquinas ou dispositivos. “O preço, porém, é o alto índice de mortalidade das amizades *on-line*, pois um palpite infeliz pode ser sancionado pelo clique na desconexão – eterna” (CASTELLS, 2007, p. 445). Pode-se dizer, de fato, que a comunicação *on-line* e a rede são, sobretudo, adequadas para a produção de relações frívolas e frágeis. Excelentes para o consumo, mas péssimas para a sociedade. O fluxo de informações eficientes deve possuir efeitos que multipliquem e dinamizem as relações humanas, constituindo o desenvolvimento da política, economia, cultura, tecnologia e demais meios sociais.

Uma das principais vantagens da internet é que ela permite a interação e criação de laços, mesmo que fracos, com pessoas desconhecidas que talvez, sem a existência dela, jamais acontecessem e, além disso, cria um modelo igualitário de interação entre os internautas, no qual pouco importa as características sociais do usuário, tornando possível a interação entre diferentes classes, credos e crenças através das comunidades virtuais que passam a obter aspectos de comunidades reais. Castells acrescenta:

Assim, no fim das contas, as comunidades virtuais são comunidades reais? Sim e não. São comunidades, porém não são comunidades físicas, e não seguem os



mesmos modelos de comunicação e interação das comunidades físicas. Porém não são “irreais”, funcionando em outro plano da realidade. São redes sociais interpessoais, em sua maioria baseados em laços fracos, diversificadíssimas e especializadíssimas, também capazes de gerar reciprocidade e apoio por intermédio da dinâmica da interação sustentada (CASTELLS, 2007, p. 445-446).

Castells (2007) define ainda o que é o novo sistema de comunicação que a internet produz, que gera uma espécie de virtualidade real - um sistema onde a própria realidade é inteiramente capturada e imersa em composições de imagens e virtuais, em um mundo de fantasias “no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência” (CASTELLS, 2007, p. 459). É a isso que se pode chamar de espaço de fluxos.

## **O ESPAÇO DE FLUXO E O TEMPO *INTEMPORAL***

Castells (2007) define o que é espaço a partir do ponto de vista das práticas sociais, identificando tais práticas na sociedade de forma informacional que, segundo ele, é a base do surgimento e da consolidação de novas formas espaciais. Segundo o autor, os fluxos podem ser entendidos como as expressões dos processos que ditam nossa vida econômica, política e simbólica. Então, o espaço de fluxos pode ser considerado como uma característica das práticas sociais que controlam e dominam a sociedade em rede. Ligando regiões e cidades, e interligando todas em rede, desempenha assim papel fundamental na construção das práticas sociais e, conseqüentemente, das consciências sociais para a sociedade. O autor ainda faz uma relação entre o espaço de lugares e o espaço de fluxos. O primeiro consiste em onde as pessoas vivem, e o segundo, em seus sonhos e ideais. Sendo assim, quando os dois se encontram num convívio social, presencia-se um “paradoxo de espaço”. Uma vez explicado o que é espaço de fluxo, vamos ao conceito de “tempo intemporal”.

Segundo Castells (2007), o tempo intemporal é o modo dominante emergente do tempo social. Ele se utiliza da tecnologia para escapar do contexto de sua própria existência na sociedade em rede, apropriando-se de valores que cada contexto possa lhe oferecer ao presente eterno, já que o espaço de fluxos não anula a existência de lugares. Nesse contexto de tempo intemporal, o autor nos fala, ainda, sobre a interferência do tempo na jornada de trabalho e como funciona a empresa em rede. Segundo ele, o tempo que outrora era comprimido, agora é processado, pois as grandes empresas o caracterizam nos dias de hoje como um diferencial. Dessa forma, acontece a diminuição e alteração do tempo de serviço, mudando também a ideia de jornada de trabalho remunerado, baseada na estrutura

de tempo social de outros tempos. É assim que, graças à tecnologia, o trabalhador passa a ter mais tempo livre para outras atividades.

Por fim, Castells conclui que o tempo intemporal pertence ao espaço de fluxos, e já o tempo biológico caracteriza os lugares em todo o mundo, estruturando e desestruturando materialmente as sociedades segmentadas. Ou seja, esse novo sistema de comunicação modifica radicalmente o espaço e tempo e, conseqüentemente, as dimensões fundamentais da vida humana. Nesse novo sistema, o tempo torna-se confuso, dado que nele, passado, presente e futuro se misturam, podendo interagir entre si na mesma mensagem. Bons exemplos disso são as redes sociais e os demais meios de troca de mensagens, que podem ser programados para interagir no espaço de fluxos, unindo o tempo de forma não linear. Logo, “o espaço de fluxos e o tempo intemporal são as bases principais de representação historicamente transmitidos: a cultura da virtualidade real, onde o faz de conta vai se tornando realidade” (CASTTELS, 2007, p. 462).

## **A SOCIEDADE TÉCNICO-CIENTÍFICA**

Graças ao avanço das tecnologias e da ciência, pode-se dizer que uma das principais questões éticas do século é a transformação da sociedade em uma sociedade técnico-científica, e como essa sociedade não consegue parar o processo previsivelmente destrutivo da natureza e de si mesmo. Porém, segundo Oliveira (2010), dificilmente o ser humano está disposto a aceitar o potencial destrutivo da tecnologia, que chega a ameaçar a sobrevivência da humanidade e do planeta como um todo. Hoje a humanidade possui todos os meios técnicos científicos para extinguir, não só a si mesma, mas também a todas as formas de vida na Terra. E o homem tem consciência desse poder destrutivo. Oliveira diz:

[...] hoje possuímos os meios técnico- científicos e industriais para extinguir a humanidade e todas as outras formas de vida sobre o planeta, através, por exemplo, do envenenamento e da contaminação da biosfera. Uma das possibilidades da história humana é então a possibilidade da própria extinção, de modo que a catástrofe ecológica se revela como inimigo verdadeiro e comum da humanidade, pois manifesta a enorme desproporção entre sabedoria ético-política de que dispõe a humanidade e o imenso potencial tecnológico adquirido (OLIVEIRA, 2010, p. 11).

Na sociedade contemporânea, a ética vem sofrendo muitas mudanças e cada vez mais aumenta a desproporção entre o poder de dominação técnica e os critérios morais que são capazes de reger a civilização. Sendo assim, na sociedade atual, os modelos de conhecimento e de modernidade vêm reduzindo a natureza a mera matéria prima. E com

isso o ser humano vem perdendo sua relação com a natureza e, conseqüentemente, com o mundo. Segundo Oliveira (2010), é com isso que tem início no século XX o que Levinas denominava de “a crise da razão” e das ciências, e com isso, a perda do sentido da vida humana. Essa perda causa um abalo em toda a tradição cultural ocidental, trazendo à tona as responsabilidades sociais e o efeito das ações do homem contra a natureza. Ações que, aliás, o homem negou, eximindo-se de responsabilidades para com o fim e do próprio planeta. Pode-se dizer que o avanço das tecnologias propiciou o conhecimento e o despertar do homem perante um passado a que ele tanto escondeu e negou.

Durante muito tempo, o homem se utilizou da natureza de forma inconseqüente e abusiva, tratando-a apenas como fonte de recursos e usufruindo dos mesmos, pensando jamais ter que arcar com as conseqüências de tais atos. Porém, um dia, como era de se esperar, o homem foi chamado a responder por suas ações. Dessa forma, tanto as pessoas contemporâneas quanto as gerações vindouras têm sua existência ameaçada. Partindo desse ponto, muitos filósofos propuseram que a melhor solução para salvar o planeta e a raça humana seria através da criação de uma nova ética. Segundo Oliveira, para Apel (1973), essa nova ética deve caracterizar a situação atual, a expansão planetária e a integração Internacional. Já segundo Hans Jonas (2006), tal ética necessita, essencialmente, pensar nas gerações que ainda virão. Sendo assim, dentro dessa temática sobre o tempo temporal e intemporal na sociedade em rede e o avanço tecnológico e científico que transformou a sociedade em uma sociedade técnico-científica, tem origem outro tema crucial, que é a indeterminação dos limites do ciclo de vida e a transformação da morte em uma fronteira visual e virtual.

## **A INDETERMINAÇÃO DOS LIMITES DO CICLO DE VIDA**

Com o avanço da ciência e da tecnologia, os seres humanos adquiriram uma arrogância e petulância capazes de ignorar os ritmos biológicos, pré-determinados pela natureza. Como fazem isso? Com o prolongamento da vida através da interferência nos processos químicos do corpo que determinam o envelhecimento, agindo também na prevenção e superação das doenças, controle de natalidade, óbitos, entre outros, que passam a ser modificados, aumentando, assim, a vida, e tornando a morte uma fronteira visual. Dessa forma, tem origem um novo conceito que Pessini (2005) denomina de pós-humanismo. Segundo o autor, o pós-humanismo tem como principal objetivo “desacelerar ou até mesmo parar o processo de envelhecimento [...] e criar biológica e tecnologicamente

seres humanos superiores” (PESSINI, 2005, p. 44). Ou seja, modificando a natureza humana através da genética, fazendo a mesma ir além de seus limites biológicos. Para que esse processo ocorra o autor cita mudanças genéticas e melhoramentos através de nanotecnologia, clonagem de células/órgãos, cibernética e demais tecnologias da computação. Incluindo em sua visão uma ideia de AI (Inteligência artificial), “uma mente computadorizada, livre de carne mortal e, portanto, imortalizada” (PESSINI, 2005, p. 44). Através do avanço técnico-científico, o homem, além de prolongar, também é capaz de criar a vida em laboratório. Oliveira corrobora:

Hoje se transforma em possibilidade o controle do comportamento humano através de agentes químicos que podem induzir o controle de processos psíquicos, além do mais espetacular que é a manipulação tecnológica dos processos genéticos, tornando realidade o sonho de planificação e produção em laboratório da vida humana, de tal modo que o homem contemporâneo tem a sensação de que ele afinal tomou seu destino em suas mãos e se fez sujeito de um agir coletivo capaz de submeter toda a natureza a seus fins, de modo que técnica, nesse projeto de emancipação tecnocrática da modernidade, de *meio* se transformou no *fim* fundamental da vida humana (OLIVEIRA, 2010, p. 11).

Porém, esse avanço tecnológico, com esse prolongamento da vida, só agregou o risco eminente de destruição da raça humana, pois quanto mais se prolonga ou se cria a vida, mais se aumenta uma enorme desproporção entre a produção e o consumo, ampliando, assim, a destruição dos recursos naturais. Pois, como dito por Oliveira, esse processo conduz “a uma elevação do consumo que, por sua vez, provoca uma gigantesca intensificação do metabolismo com o meio ambiente natural, que é finito em seus recursos” (OLIVEIRA, 2010, p. 11).

Foucault (1999b) atribui essa prolongação da vida e interferência na morte aos denominados “mecanismos reguladores”, que como o próprio nome sugere, visam através da "norma" regular ou controlar a vida e os corpos. Foucault explica:

De uma forma mais geral ainda, pode-se dizer que o elemento que vai circular entre o disciplinar e o regulamentador, que vai se aplicar, da mesma forma, ao corpo e a população, que permite a um só tempo controlar a ordem disciplinar do corpo e os acontecimentos aleatórios de uma multiplicidade biológica, esse elemento que circula entre um e outro é a norma. A norma é o que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma sociedade que se quer regulamentar (FOUCAULT, 1999b, p. 302).

Tal afirmação encerra que esse controle sobre a vida e a morte através de mecanismos globais de equilíbrio considera os processos biológicos do ser humano e detém sobre ele uma regulamentação que consiste em “fazer viver sem deixar morrer” (FOUCAULT, 1999b, p. 294).

Para Castells (2007), a tendência que predomina atualmente é a de apagar ou anular a morte da vida, tornando a morte inexpressiva, e isso, segundo o autor, se torna possível graças à sua representação de forma repetida na mídia. Castells diz:

A tendência predominante nas sociedades, como expressão de nossa ambição tecnológica e em concordância com nossa comemoração do efêmero, é apagar a morte da vida ou torná-la inexpressiva pela sua representação repetida na mídia, sempre como a morte do outro, de forma que nossa própria seja recebida com a surpresa do inesperado. Separando a morte da vida e criando o sistema tecnológico para fazer que esta crença dure o suficiente, construímos a eternidade durante nossa existência (CASTTELS, 2007, p. 547).

Considerando as análises de Castells e Foucault, é possível propor a hipótese de que a sociedade técnico-científica se caracteriza pela ruptura do ritmo, ou biológico ou social, juntamente com o conceito de um ciclo de vida e uma espécie de disciplinaridade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na era da tecnologia e da informação, diferentemente de outros tempos e das tendências históricas, os papéis e processos sociais dominantes estão cada dia mais constituídos através de redes e dispositivos. Ou seja, os mesmos organizam e dão forma social à sociedade contemporânea. Porém, a difusão de redes e dispositivos está modificando, de modo substancial, as operações e os resultados dos processos de produção e subjetivação do homem, modificando também as experiências, a cultura, a biologia e até mesmo as formas de poder.

Nesse contexto, surgem mecanismos reguladores, que através da disciplina e da norma ajudam a reger e controlar a vida das pessoas – indivíduos e populações. Esses mecanismos que servem para trazer equilíbrio e controle à humanidade podem facilmente ser chamados de dispositivos de controle. E pode-se dizer ainda que a internet e os sistemas *mobile* estão no topo da lista atual desses dispositivos de controle, pois, ao mesmo passo que estes instrumentos servem para facilitar e trazer agilidade e comodidade nas ações de comunicação diárias, emprestam uma falsa sensação de liberdade e segurança, ao mesmo tempo que armazenam dados de seus usuários e traçam “perfis” com esses dados – a partir da ajuda de supercomputadores e outras formas de AI (Inteligência Artificial). São perfis “de consumo” e hábitos dos usuários, que podem, a partir deles, lhes oferecer ofertas personalizadas com seus gostos e conteúdos preferidos sob a forma de sugestão. É dessa maneira que se gera uma espécie de dispositivo disciplinar que cria uma grande “instituição de sequestro”, tão poderosa e imperceptível que não é possível lhe calcular os adventos

futuros e consequências.

O paradigma dos dispositivos como forma de subjetivação do homem, permeado pelas tecnologias da informação, a Sociedade em Rede e os espaços de fluxo, guia e controla toda a população, além de orientar a construção e expansão de toda uma estrutura social. São as diferentes dinâmicas presentes em cada rede, além da própria rede em si, que atualmente constituem em fatores cruciais na transformação e na dominação da sociedade do modo como a conhecemos.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?**. E outros ensaios. Trad. de Vinicius Nicastro Honesko. Santa Catarina: Argos, 2009.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Os dispositivos existenciais do consumismo. **Revista Espaço Acadêmico**, Paraná, n. 118, p. 103-113, mar. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/10182/6708>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

DELEUZE, G. **Post-Scriptum: Sobre as sociedades de controle**. Trad. Peter Pél Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as forma jurídicas**. Trad. Roberto Machado e Eduardo Jardim Morais. 2. ed. Rio de Janeiro: Nau editora, PUC-Rio, 1999a.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhete. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Trad. Marijane Lisboa; Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. de Carlos Irineu da Costa. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Ética, direito e democracia**. São Paulo: Paulus, 2010.

PESSINI, L. **Problemas atuais de bioética**. 7. ed. rev. ampl. São Paulo: Loyola, 2005.

Recebido para avaliação em 16/02/2016  
Aceito para publicação em 15/06/2016